

# Toda a dor no Congresso

"Acima de tudo morreu o grande e apaixonado amigo do Brasil" — disse ontem, com voz embargada e lágrimas nos olhos, o presidente do PMDB e da Câmara, Ulysses Guimarães. Eram 23h20. Ele falou da presidência, com dezenas de parlamentares no plenário, que se dirigiram ao Congresso tão logo foi confirmado o falecimento de Tancredo Neves.

O presidente do Congresso, senador José Fragelli, que estava na mesa, ao lado de Ulysses, confirmou reunião conjunta da Câmara e do Senado, às 10 horas de hoje. Nessa sessão, Fragelli comunica oficialmente o falecimento e declara efetivado o vice-presidente José Sarney na Presidência da República — sem necessidade de novo compromisso de posse, conforme informou o líder do governo Pimenta da Veiga.

Para o líder do PDS, deputado Prisco Viana, o sacrifício de Tancredo não foi em vão: "Uniu os brasileiros; a Nação amadureceu politicamente, os partidos e seus líderes revelaram-se capazes para sustentar a ordem constitucional, a legalidade e a integridade do poder civil".

O presidente da Câmara, em sua fala da presidência, afirmou sob emocionante silêncio de quase 100 parlamentares:

"A homenagem sincera e consequente dos que o choram será impedir qualquer recuo na caminhada pelas instituições livres, que se con-



Montoro e o médico norte-americano Warren Zapol chegam ao Incor. A certeza de que eram os últimos momentos do presidente Tancredo já estava clara para os dois há muitas horas, quando as últimas tentativas de baixar a temperatura e aumentar a medicação revelaram-se inúteis.



solidarão através da Assembléia Nacional Constituinte".

O primeiro parlamentar a chegar ao Congresso, ontem à noite, após o boletim oficial do falecimento do presidente eleito, foi o 1º vice-presidente da Câmara, Humberto Souto. Em seguida, veio o líder go-

vernista Pimenta da Veiga — para declarar a efetivação de José Sarney na Presidência da República. Ulysses revelou, então, que iria fazer um pronunciamento do plenário e que voltaria para continuar a conversa — "O sr. vai falar? Então vou consigo" — disse-lhe Fragelli.

No plenário, Ulysses sentou-se no seu lugar de presidente, ocuparam lugares na mesa o senador José Fragelli e os deputados Humberto Souto, Epitácio Cafeteira, Leur Lomanto, membros da mesa diretora. As 23h20 o presidente da Câmara leu o seu curto e emocionado pronunciamento — que tirou do bolso do paletó. O 2º vice-presidente Carlos Wilson, num envelope pardo, tinha dezenas de cópias, que logo depois distribuiu aos jornalistas.

Em seu gabinete, em seguida, também o líder do PDS, deputado Prisco Viana, distribuiu sua declaração "do plenário".

"Em instante tão grave da vida nacional reafirmamos nossa posição de irrestrito respeito à Constituição, que indica com absoluta clareza o caminho a ser seguido em face da vacância na Presidência da República. Como força política de oposição sabemos cumprir, sem vacilações, os nossos deveres, adotando conduta responsável e patriótica que coloque o PDS a serviço, apenas, dos interesses do País, da consolidação do processo democrático e da estabilidade política" — afirmou Prisco Viana.

A atitude de Ulysses, de fazer seu pronunciamento de exaltação a Tancredo Neves, ocorreu com uma semana de atraso. No domingo passado, por volta das 17 horas, ele havia dado instruções a diretores da Casa para abrir o plenário porque queria falar.

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

gresso para as 10 horas — para declarar a efetivação de José Sarney na Presidência da República. Ulysses revelou, então, que iria fazer um pronunciamento do plenário e que voltaria para continuar a conversa — "O sr. vai falar? Então vou consigo" — disse-lhe Fragelli.

No plenário, Ulysses sentou-se no seu lugar de presidente, ocuparam lugares na mesa o senador José Fragelli e os deputados Humberto Souto, Epitácio Cafeteira, Leur Lomanto, membros da mesa diretora. As 23h20 o presidente da Câmara leu o seu curto e emocionado pronunciamento — que tirou do bolso do paletó. O 2º vice-presidente Carlos Wilson, num envelope pardo, tinha dezenas de cópias, que logo depois distribuiu aos jornalistas.

Em seu gabinete, em seguida, também o líder do PDS, deputado Prisco Viana, distribuiu sua declaração "do plenário".

"Em instante tão grave da vida nacional reafirmamos nossa posição de irrestrito respeito à Constituição, que indica com absoluta clareza o caminho a ser seguido em face da vacância na Presidência da República. Como força política de oposição sabemos cumprir, sem vacilações, os nossos deveres, adotando conduta responsável e patriótica que coloque o PDS a serviço, apenas, dos interesses do País, da consolidação do processo democrático e da estabilidade política" — afirmou Prisco Viana.

A atitude de Ulysses, de fazer seu pronunciamento de exaltação a Tancredo Neves, ocorreu com uma semana de atraso. No domingo passado, por volta das 17 horas, ele havia dado instruções a diretores da Casa para abrir o plenário porque queria falar.

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

Tancredo resistiu por sete dias e só ontem, quase 11h30, Ulysses evocou o seu amigo: "Sem você, esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos, na companhia de sua memória e de seu exemplo".

sensibilidade e visão de estadista ele abriu os caminhos da renovação e da mudança. Nada deterá esta renovação, porque nasceu do desejo da nossa população e cristalizou suas esperanças. Os compromissos da Aliança Democrática, que eram os compromissos de Tancredo, são agora de todo o povo brasileiro e não podem ser esquecidos.

Esse programa é nossa missão. Como governador de São Paulo peço à população que, ao prestar a última homenagem ao nosso presidente, o faça com renovada fé em nosso futuro.

Esta é a melhor forma de expressar nosso sentimento de respeito àquele que durante toda a vida trabalhou pela conciliação nacional e os direitos de seu povo.

Tancredo Neves é hoje o símbolo da unidade nacional. Cabe a nós sermos os continuadores de sua obra. Não vamos nos dispersar. Continuemos reunidos, como nas praças públicas, com a mesma emoção, a mesma dignidade e a mesma decisão.

Deus guarde o nosso presidente e dê forças e desprendimento a todos os brasileiros para cooperar nessa missão.

Adeus Tancredo, seu compromisso será honrado, seu programa é nossa missão."

## OS ÚLTIMOS MOMENTOS

A presença do médico americano Warren Myron Zapol neste fim de semana, aqui em São Paulo, serviu para confirmar um prognóstico mais do que presumível: que o presidente Tancredo Neves tinha apenas algumas horas de vida. O especialista pouco pôde acrescentar à terapêutica que já vinha sendo utilizada. Recomendou um maior rebaixamento da temperatura (que atingiu a marca crítica dos 30°), um reforço do *peep* — Positive End Expiratory Pressure — e a utilização do medicamento DHP para evitar um estado de fibrose pulmonar.

Mas estas recomendações não alterariam um quadro já considerado irreversível e terminal. O próprio médico americano — pulmonologista do Centro de Pesquisas sobre Deficiências Agudas de Respiração do Hospital de Massachusetts — teria chegado a comentar com os seus colegas brasileiros (no sábado) que a sobrevivência do presidente não ultrapassaria quatro dias.

Desde que foi internado em Brasília, no dia 14 de março, o presidente passou por momentos sérios. Foi protagonista de um histórico clínico complicado, cheio de revesses, cujo primeiro capítulo começou com um retardamento de vários meses nas primeiras providências. Se tivesse sido operado a tempo, provavelmente o presidente estaria, hoje, em Brasília. Cumprindo normalmente as suas funções.

**Pulmões, o pior**  
Preocupados em combater um processo infeccioso antigo, os médicos foram surpreendidos, a certa altura, com uma infiltração pulmonar

na região intersticial. E este passou a ser o elemento mais comprometedor da sua saúde. Com os pulmões impossibilitados de realizar as trocas gasosas normais, houve uma completa deterioração do processo de oxigenação do organismo, com inevitáveis repercussões neurológicas (embora, alegando sempre não ter condições de uma avaliação mais precisa, já que o presidente foi mantido sedado nos últimos dias, os médicos brasileiros tenham descartado esta possibilidade até pouco tempo atrás).

O médico americano reiterou a propriedade da conduta médica adotada pela equipe do professor Henrique Walter Pinotti, mas fez também com que se confirmassem, publicamente, os sinais de fibrose pulmonar (um endurecimento dos tecidos), que foi combatida até as últimas horas com uma droga chamada DHP (dehidroxi-prolina), medicamento americano ainda em fase de experimentação.

A hipotermia, técnica utilizada para reduzir as necessidades metabólicas do organismo, também chegou a um nível considerado perigoso. Comentavam os médicos que não se poderia manter por muito tempo o presidente numa temperatura de 30° sem se conseguir, com isto, efeitos negativos. As oscilações de pressão arterial também passaram a preocupar e, depois de fases com um aceleramento cardíaco crítico, o coração do presidente começou a demonstrar os primeiros sinais de cansaço (nas últimas horas, os batimentos caíram sensivelmente).

Neste fim de semana, os médicos também tentaram reduzir a ação do equipamento respiratório mas perceberam, sem sombra de dúvida, que sem os aparelhos o presidente não sobreviveria mais. Também acataram a recomendação do Sr. Zapol — um médico bastante acostumado a lidar com o chamado "pulmão de choque" —, aumentando o *peep* para 30cm<sup>2</sup> (trata-se de um aparelho que introduz, com maior pressão, o oxigênio na fase final da respiração). Esta medida, no entanto, é mais do que suficiente para pressupor-se problemas circulatórios graves. Além disso, esta providência não alterou a situação de bloqueio intersticial que impediu que, em última análise, os pulmões voltassem a funcionar normalmente.

A insinuação de um desequilíbrio ácido-básico irreversível também se intensificou nas últimas horas. E, pela primeira vez, fontes médicas foram forçadas a confirmar uma possível degeneração de tecidos — motivada pela má oxigenação — com chance de comprometimento cerebral. Procedimentos como a hemodiálise e ultrafiltração do sangue conseguiram contornar, por alguns dias, a insuficiência renal já manifestada. Mas os dados funcionais do órgão, extenuado ao longo do tratamento da infiltração pulmonar, não se alteraram.

**Impasse**  
Os médicos chegavam, ontem à noite, a uma situação de impasse: intensificar a ação dos aparelhos tinha seu lado negativo (o *peep*, por exemplo, já havia chegado a limites máximos de tolerância). Suspender a ação destes mesmos equipamentos seria optar pela morte rápida. Por outro lado, qualquer outra intervenção mecânica sobre um organismo tão abalado poderia representar uma agressão insustentável. Finalmente, parecia restar uma possibilidade: continuar com os vários medicamentos para controlar também vários distúrbios. E ver até que ponto o presidente poderia suportar esta situação.

Se não estivesse sedado, confirmou-se mais uma vez, ele já teria entrado em coma pelo menos desde o começo da semana passada. Nas últimas horas, os médicos já sabiam perfeitamente que toda a terapêutica possível havia sido totalmente utilizada. A infecção, mesmo combatida com uma dosada antibióticoterapia, persistiu até o último momento. Os constantes exames de cintilografia e ultra-sonografia não conseguiram revelar imagens suficientemente esclarecedoras para se ter uma noção exata dos focos em atividade (suspeitava-se, ultimamente, da existência de inúmeros focos, tão reduzidos que passavam imperceptíveis ao rastreamento dos exames).

Mas o coração do presidente parou de bater às 10h23 da noite de ontem, depois de uma luta desesperada dos médicos por, ainda mais uma vez, estabilizar o organismo. Para este desfecho triste, um conjunto de fatores contribuíram, liderados pela irreversível infiltração dos pulmões.